UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA LITORAL NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL - PPGED-MP

O SURFE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR?

Temáticas para o estudo da prática corporal do surfe em aulas de EFE.

AUTORES
FELIPE FERREIRA
LEANDRO FORELL (Orientador)

APRESENTAÇÃO

Este *e-book* constitui-se em um Produto Educacional que foi elaborado a partir dos diferentes estranhamentos e reflexões produzidas a partir da construção da dissertação de Mestrado Profissional em Educação escrita por este autor, e que foi intitulada: SURFE NA ESCOLA? Percepções docentes acerca do surfe em aulas de Educação Física Escolar.

Neste trabalho foi possível discutir a partir de diferentes perspectivas, as possibilidades de inclusão do surfe em aulas de Educação Física Escolar (EFE) a partir de entrevistas realizadas de forma *online* com docentes deste componente curricular atuantes em escolas públicas de 8 municípios da região do Litoral Norte do estado do Rio Grande do Sul.

As informações produzidas, emergem a partir de diferentes reflexões dentro de uma diversidade de temas, entre os quais estão: Reflexões sobre o surfe enquanto prática corporal da Cultura Corporal de Movimento das localidades de atuação de cada docente, e as especificidades de suas escolas e formas de trabalho docente; Reflexões sobre as dificuldades a serem superadas para a construção de um planejamento de abordagem do surfe nas aulas do componente curricular; Diferentes perspectivas sobre os objetivos do componente curricular EFE que estão ligados aos diferentes paradigmas que sustentaram a presença da Educação Física nas escolas brasileiras ao longo da História educacional do país, como os da Saúde, do Esportivismo e do Lazer.

Todas estas perspectivas foram abordadas e discutidas dentro dos 3 capítulos de análise da dissertação, contudo umas das percepções que mais se destacou foi a de que as reflexões sobre o surfe na escola, sempre ou quase sempre partiram de uma perspectiva que considera a prática do surfe em sua forma final (dentro da água, principalmente no mar) e detrimento de outras opções de apresentação do surfe nas

aulas de EFE, como por exemplo simulações dentro do ambiente escolar, apresentações de vídeos, fotos ou outros materiais que possibilitem reflexões e construção de saberes a partir desta prática corporal que é presente na Cultura Corporal de Movimento das diversas localidades do litoral braisileiro.

A partir destes resultados este *e-book* foi produzido com o objetivo de contribuir com a EFE, a ser utilizado como um material paradidático que venha a auxiliar docentes e discentes a refletir e produzir saberes a partir do estudo de uma das práticas corporais presentes no cotidiano dos estudantes da região litorânea, mesmo que por muitas vezes estes não tenham nem mesmo conhecimento sobre esta prática em sua localidade.

Por entender que a EFE é o componente curricular responsável por apresentar as práticas corporais da Cultura Corporal de Movimento aos estudantes, e, por compreender que educar é criar conexões entre a realidade concreta vivida diariamente pelos estudantes e a infinidade de saberes existentes nesta é que entendo a inserção do surfe nas aulas de EFE como importante oportunidade de reflexão sobre a localidade em que vivemos e atuamos diariamente.

Desta forma, este *e-book* foi construído a partir de diferentes temáticas com objetivo de envolver os estudantes tanto no mundo dos conhecimentos do surfe quanto em reflexões sobre as relações que os praticantes deste podem ter com a localidade e com as especificidades do ambiente em que vivem cotidianamente, em uma tentativa de auxiliar os docentes a "[...] estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?" (FREIRE, 1996, P.15)

FELIPE FERREIRA

LEANDRO FORELL

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **3**

INTRODUÇÃO **6**

SURFE NO MUNDO **8**

O SURFE NO BRASIL **12**

O SURFE NO RIO GRANDE DO SUL **16**

CONFLITOS NO SURFE **22**

SURFE E PESCA NO LITORAL GAÚCHO. **24**

Pesca em plataformas, um pouco mais de risco… 24

A pesca com redes fixas. 25

SURFE E O LOCALISMO. **28**

SEGURANÇA NO SURFE. **29**

EQUIPAMENTOS PARA O SURFE SEGURO **30**

Quilhas 32

Deck's 33

Roupas e outros acessórios de proteção 34

SURFE E MEIO AMBIENTE **36**

SURFE NA ATUALIDADE **39**

Lazer 40

Freesurf 40

Esporte 41

OUTRAS CATEGORIAS DE SURFE **45**

CAMINHOS PARA O FUTURO DO SURFE **48**

Piscinas de ondas? 48

Surfskates como simulação? 49

UM ATÉ BREVE… **51**

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO UERGS **53**

CONHEÇA OS AUTORES **54**

REFERÊNCIAS: **55**

INTRODUÇÃO

Este *e-book* foi construído para ser utilizado como um material paradidático temático por docentes que tenham interesse em utilizar a prática corporal do surfe como objeto de estudo em seus planejamentos de ensino.

O surfe é uma prática corporal que vem aumentando de forma significativa seu número de praticantes ao longo das últimas décadas (ZENI; BRASIL, 2021) e sua popularização se deu principalmente a partir de sua absorção pelo mundo do esporte, processo este nomeado pela literatura como "esportivização". (NEPOMUCENO, et.al, 2020)

Como veremos ao longo dos capítulos a prática do surfe em seu provável início nada tem a ver com o esporte moderno ao qual estamos tão acostumados na atualidade, mas sim com ritos e costumes locais de diferentes tradições culturais antigas e que nos permitem construir uma análise histórica das transformações a que podem ser submetidas práticas corporais ao longo dos séculos.

Avançaremos então, pela história do surfe no Brasil e aqui no estado do Rio Grande do Sul, para depois inserirmos o leitor nas temáticas específicas que podem ser relacionadas ao estudo do surfe em aulas de EFE.

Iniciamos o caminho pela construção da prancha de surfe e seu desenvolvimento ao longo do século 20, marcado por inovações nos formatos e materiais utilizados na construção do principal equipamento do surfista, posteriormente avançamos para reflexões acerca dos conflitos existentes na prática do surfe, com foco aqui para o fenômeno do localismo e s conflitos entre surfistas e pescadores específicos do Litoral Norte Gaúcho.

Em um segundo momento tratamos sobre a segurança no surfe e realizamos uma apresentação dos equipamentos relacionados a este tema tão importante para o ensino e aprendizado do surfe, com tópicos específicos para cada tipo de material de produção com ilustrações de cada equipamento específico.

Na sequência avançamos para as reflexões sobre as relações do surfe com o Meio Ambiente, já que este é uma prática de aventura que se utiliza do oceano como

meio para sua fruição e que pode trazer uma série de impactos ambientais quando praticado sem a devida conscientização sobre estes.

Por último apresentamos um apanhado geral sobre o surfe na atualidade, traçando relações entre as diferentes formas de fruição desta prática, perpassando temas como as práticas de lazer, a profissionalização do surfista tanto no cenário competitivo quando no cenário que envolve o mercado de surfe, com o surgimento dos profissionais em "*freesurf*".

Apresentamos os atletas profissionais de destaque no cenário brasileiro atual e que lideram o grupo recentemente nomeado pela mídia especializada como "*Brazillian Storm*" levando à criação de uma idealização do Brasil como o novo "País do Surfe".

Finalizando, e apontando para o futuro próximo apresentamos e discutimos de forma breve, as inovações lançadas recentemente que revolucionaram um dos aspectos que até então se achava imutáveis na prática do surfe: o local de prática.

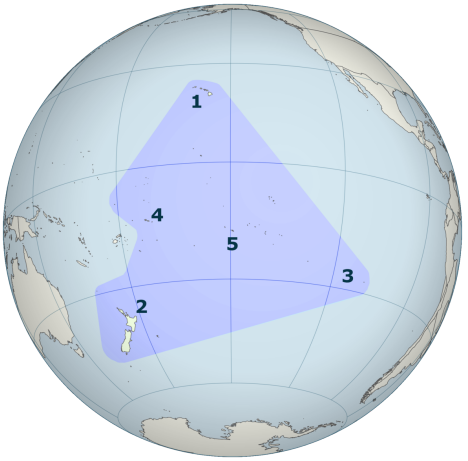
O surgimento de piscinas artificiais com ondas de qualidade impressionante, trouxe novos olhares para o surfe moderno, sendo inserido até mesmo no cenário competitivo mundial do esporte, seria este um dos caminhos para o futuro e a popularização do surfe até mesmo em cidades distantes do litoral?

A partir destas temáticas, esperamos contribuir com o enriquecimento das aulas de docentes de Educação Física Escolar e de outros componentes curriculares que desejam apresentar o surfe como objeto de estudo para seus alunos, seja na Educação Básica, Ensino Médio ou em quaisquer outros contextos de atuação por todo o País.

SURFE NO MUNDO

Imagem 1: Surfista desconhecido executando a manobra denominada “rasgada” ou “Snap”.

O surfe é uma prática que ficou conhecida no mundo inteiro e cujos primeiros indícios de sua prática remetem aos povos polinésios, que viveram principalmente no Oceano Pacífico navegando entre as ilhas do chamado Triângulo Polinésio.(fig. 1[1])



Devido às suas habilidades de navegação, ocuparam e colonizaram um vasto território ultramarino no Oceano Pacífico, sendo as ilhas do Havaí constituintes de cerca de 10% do território total dos polinésios.

Foi no Havaí que o navegador inglês James Cook registrou a prática do surfe pela primeira vez no mundo moderno. Durante uma expedição ao local em 1776, avistou nativos deslizando sobre as ondas até a praia em grandes pranchas de madeira.

[1] Na figura 1 é possível ver o chamado Triângulo Polinésio, sendo os pontos: Havaí (1), Nova Zelândia (Aotearoa) (2) e Ilha de Páscoa (Rapa Nui) (3) em seus cantos. No centro está o Taiti (5), com Samoa (4) a oeste.

Descobriu-se posteriormente que a prática era um hábito comum entre os nativos, com pranchas de diferentes tamanhos e formatos para cada membro da comunidade, por exemplo:

> As crianças surfavam deitadas em pranchas pequenas chamadas “paipo”. Os membros comuns da sociedade surfavam, deitados, de joelhos ou de pé, com pranchas de 7 a 12 pés de tamanho, denominadas “alaia” e a “kiko`o” com 12 a 17 pés, por fim a realeza, em suas “olos” com mais de 17 pés de comprimento. A confecção das pranchas seguia um ritual. Eram feitas de troncos de madeira cortada – “Wili-Wili, Ula e Koa” – usando machados para o corte, modeladas com pedaços de coral, lixada com pedras e por fim cobertas de óleo de nozes. O surf era parte da cultura havaiana. (NUNES JR.; SHIGUNOV; 2010)

O surfe era uma prática tão integrada à cultura havaiana, que quando ondulações se aproximavam da costa todos pegavam suas pranchas e iam para o mar, no intuito de aproveitar as ondas que os “deuses” haviam enviado. Contudo, como quase todas as práticas culturais de regiões colonizadas nesta época, o surfe sofreu uma decadência na comunidade havaiana, em virtude da cada vez maior ocupação Inglesa de seu território, e junto com ela a fé Cristã que condenou a prática como ritual religioso “pagão”, devendo ser extinto na nova colônia.

Contudo, outra vertente têm sido defendida por pesquisadores sul americanos, que entendem que a prática de deslizar sobre ondas em “Caballitos de Totora”, utilizados para a pesca por nativos do norte do Peru (ainda no século II A.C.), seria algo parecido com o surfe, posteriormente encontrado por James Cook no Havaí.

Este pequeno barco, onde um único homem saía para pescar remando, era utilizado ao retornar à terra firme a partir do aproveitamento das ondas costeiras, deslizando sobre as mesmas exigindo habilidade do pescador para não cair ou mesmo perder o seu pescado do dia.

Imagem 2: Caballito de Totora peruano.

Teria o surfe moderno, berço nos Caballitos de Totora peruanos? Ou sua versão integrada à cultura do povo havaiano seria mais parecida com o surfe moderno?

Independente da versão, o que podemos afirmar com mais firmeza, é que a popularização do surfe no mundo no início do século 20 têm grande influência de um

Havaiano: Duke Kahanamoku, que é considerado pela comunidade surfista como o “Pai do Surfe Moderno”.

Imagem 3: Duke Kahanamoku - O “Pai do Surfe”

Duke, era um havaiano nativo com ascendência familiar na realeza local, além de surfista e salva-vidas, também era um excelente nadador, sendo medalhista olímpico por duas vezes na Olimpíada da Antuérpia de 1920 na modalidade da Natação.

Em suas viagens para competir, levava junto consigo uma prancha de surfe tradicional do Havaí para surfar as praias por onde andava. Com o tempo iniciou demonstrações da prática ao redor do mundo, com viagens para diversos países, deixando a forte marca do surfe principalmente no continente Australiano.

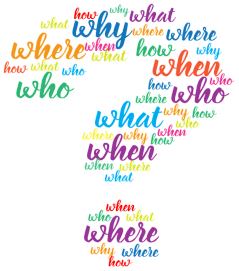
A partir destas viagens é que Duke fica conhecido na comunidade do surfe como o “Pai do Surfe Moderno”, sendo considerado como o principal disseminador da prática ao redor do mundo, isto tudo ainda nas décadas de 1910-20.

De lá para cá, o surfe cresceu em muitos sentidos, e, entendemos que a partir deste contato inicial já é possível refletirmos sobre a historicidade desta prática corporal, demonstrando aos educandos o quanto a História é entrelaçada com o contexto e os acontecimentos do período em que ocorreram os fatos, sendo também muito influenciada por quem a registra e divulga como versão principal.

Porém, independente da versão a ser analisada, o importante para nós é entendermos que, na atualidade esta prática possui milhões de adeptos ao redor do mundo, milhares ou milhões também bem aqui no Brasil.

Dentre estes praticantes muitos vivem em no nosso estado, e possivelmente em sua cidade aqui do Litoral Norte Gaúcho, por isso questionamos:

Como uma prática corporal tão atual, e que ocorre nas localidades onde lecionamos, ainda é tão pouco presente nas aulas de Educação Física Escolar da região?



Diante desta questão, é importante deixar claro que percebemos o surfe como uma possibilidade de conteúdo para as aulas de EFE da região litorânea, e que pode trazer muitos benefícios para as aulas, já que esta é uma prática facilmente avistada por nossos alunos na beira da praia, principalmente no Verão, período em que os mesmos estão de férias escolares e podem frequentar a orla com mais frequência.

Considerando isto, no próximo tópico vamos entender um pouco mais sobre o desenvolvimento do surfe no Brasil e também aqui no nosso estado, o Rio Grande do Sul.

O SURFE NO BRASIL

Os registros atuais apontam para a chegada das primeiras pranchas de surfe no país, a partir de 1930 trazidas por funcionários de companhias aéreas. Os irmãos Thomas e Margot Rittscher são consensualmente conhecidos na comunidade do surfe brasileiro como os pioneiros do surfe no país, ainda nesta década no município de Santos - SP.

Posteriormente passariam o bastão para uma turma maior cujos expoentes eram Jua Hafer e Osmar Gonçalves nas ondas da Praia do Gonzaga em 1940.

Também nesta década, recentemente descobriu-se através de uma fotografia, a chegada da primeira prancha de surfe no solo catarinense, de posse do então oficial da Marinha Mercante Francisco Perfeito da Silva.

Desembarque da prancha no porto de Itajaí em 1940. Fonte: *Revista Hardcore*.

Em 1950 o surfe também chega às praias cariocas e passa a ser praticado por jovens como Arduíno Colassanti, Irencyr Beltrão, Paulo Preguiça e Jorge Paulo Lemann que já eram adeptos da pesca submarina nos costões de pedra das enseadas do Rio de Janeiro.

Foto: Irencyr Beltrão, o primeiro shaper carioca em sua fábrica.
Fonte: Grupo Sal.

Iniciaram o surfe na região surfando pranchas de madeira ou “madeirite”, conhecidas à época como “portas de igreja” e que dominaram a praia do Arpoador neste período.

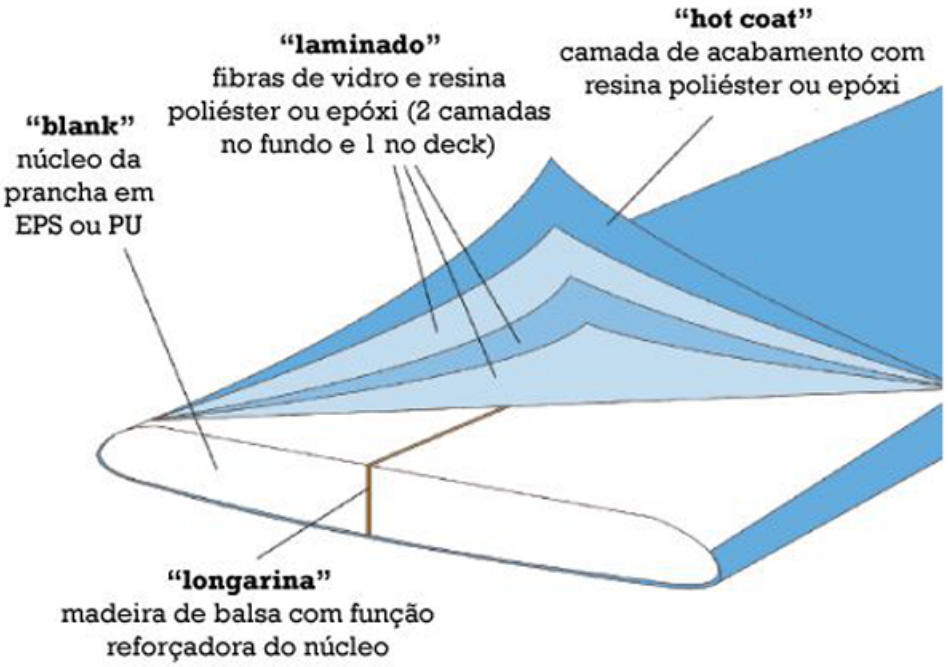
Foto: Surfista com “porta de igreja”. Fonte: Grupo Sal.

As pranchas de madeirite dominaram por um tempo nas praias cariocas como as melhores opções para o surfe, por serem mais leves e devido à possibilidade de construir modelos com curvas de borda que davam mais manobrabilidade para o equipamento, que antes era produzido a partir de madeira bruta e sólida, sendo muito mais pesado e difícil de manipular.

Contudo, o surfe ainda veria uma revolução na construção de pranchas a partir da construção a partir de blocos de isopor isolados com resina poliéster, o que viria a se tornar o futuro inevitável da construção de pranchas de surfe no mundo todo.

Da esquerda para a direita temos as primeiras pranchas de madeira, construídas a partir de tábuas sólidas seguidas dos longboards que a partir dos anos 70 iniciam um processo de diminuição no tamanho e formato das pranchas, possibilitando diferentes performances dentro d’água.

MODELO DE CONSTRUÇÃO DE PRANCHA “MODERNA”.



Construção de prancha de surfe “moderna” Fonte: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/50831/1/2019_tcc_asoliveira.pdf

As pranchas passaram por muitas modificações ao longo das décadas que se seguiram, sendo construídas em diversos materiais e com formatos, tamanhos e pesos muito variados as diferentes combinações foram sendo aperfeiçoadas conforme a tecnologia disponível em cada período.

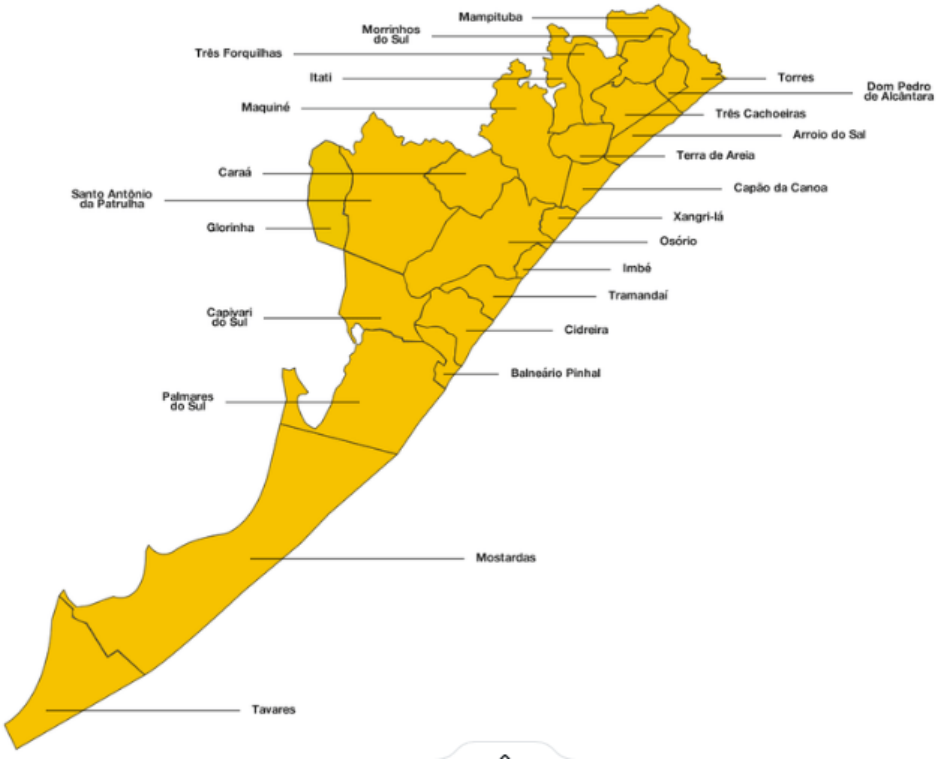
A tradição do “hand shape” modelo de construção mais artesanal onde o “shaper” (profissional que faz pranchas) constrói as pranchas manualmente utilizando-se de plainas manuais ou elétricas, foi, aos poucos cedendo espaço para os modelos de fabricação em massa, automatizados em com usinagem em 3D, que conseguem reproduzir um mesmo modelo de prancha igualmente várias vezes, escalando assim o processo de produção e venda de modelos específicos como aqueles assinados por atletas famosos por exemplo.

Ser um “shaper” não é nada fácil, é necessário conhecimento sobre a manipulação de produtos químicos como a resina poliéster e os blocos de EPS que hoje são utilizados na grande maioria das pranchas.

Além disso, é necessário conhecimentos sobre hidrodinâmica e saber utilizar os programas de modelagem que criam as medidas de referência para o corte nas máquinas de usinagem.

O SURFE NO RIO GRANDE DO SUL

O Litoral Norte do Rio Grande do Sul, caracteriza-se pela faixa litorânea que abrange o espaço entre os municípios de Torres, no limite norte, estendendo-se até o município de Mostardas.



Dentre os municípios que compõem o Litoral Norte do estado, ao menos 11 possuem uma faixa de terra ligada ao mar, sendo eles: Torres, Arroio do Sal, Capão da Canoa, Xangri-lá, Osório, Imbé, Tramandaí, Cidreira, Balneário Pinhal Palmares do Sul, Mostardas e Tavares.

Em nosso estado os primeiros indícios da prática são da década de 1950 nas praias de Torres, município que faz divisa com o Litoral Catarinense no nordeste do estado e o único a possuir falésias à beira mar que dividem suas praias, possibilitando diferentes condições de onda em cada lugar.

Vista da praia da Guarita, Torres - RS. Fonte: https://www.novatorres.com.br/post/134/

Em entrevista ao G1 no ano de 2014 Oscar revelou como ele e alguns amigos, baseados em imagens de revistas da época, construíram uma prancha que provavelmente pode ser a primeira do estado, isto em 1955.

O pioneirismo do surfe no estado também está ligado a outros nomes citados na reportagem, como Marco Antônio Silva, Roberto Bins e o empresário do ramo metalúrgico Jorge Gerdau, todos praticantes do surfe nas ondas de Torres, que pode-se concluir então ser a cidade pioneira do surfe gaúcho.

Jorge Gerdau. Fonte: http://glo.bo/1kS7RfC

Contudo, o surfe é uma prática existente em todo o Litoral Norte com maior quantidade de praticantes nas cidades mais populosas, como Torres, Capão da Canoa, Xangri-lá, Imbé, Tramandaí e Cidreira.

No período do verão este número cresce ainda mais com a chegada dos veranistas que aproveitam suas férias principalmente nos meses de janeiro e fevereiro nas areias gaúchas.

Segundo Schossler (2017) é neste período que a população da região litorânea pode até quadruplicar devido à migração sazonal que ocorre com frequência entre os meses de dezembro e fevereiro. Inicialmente estas vindas à praia se davam sob a forma de tratamentos terapêuticos, onde as pessoas viajavam em juntas de boi até o litoral para aproveitarem os benefícios que o contato com o mar trazia para a saúde dos chamados “curistas”.

Segundo a autora, este processo teve início por volta de 1860, tanto no litoral gaúcho quanto uruguaio mais ao sul, e era baseado nos já famosos banhos de cura realizados nas praias da Europa.

Desta forma, o costume instalou-se também por aqui e o resultado disto foi que ao longo das décadas pessoas decidiram se instalar nas praias formando os primeiros balneários, que posteriormente cresceram e foram se constituindo em vilarejos e municípios independentes a partir principalmente de 1980.

O costume de veranear se manteve, e muitas pessoas hoje possuem uma segunda residência no litoral, que mantém ao longo do ano para usufruto com maior intensidade durante o período do verão.

É comum encontrar surfistas caminhando à beira da praia, encontrando os melhores “picos” para surfar, afinal como nosso mar é aberto e com fundo de areia, a formação das ondas depende muito das condições de cada dia já que a areia se move mudando as “bancadas” de lugar com frequência.

São poucos os lugares específicos que proporcionam condições mais regulares para o surfe no estado, a cidade de Torres por exemplo, é a única praia do estado que possui costões de pedra à beira mar, proporcionando locais em que as bancadas podem fixar-se por períodos mais longos e também proteção dos ventos costeiros que influenciam diretamente a qualidade das ondas.

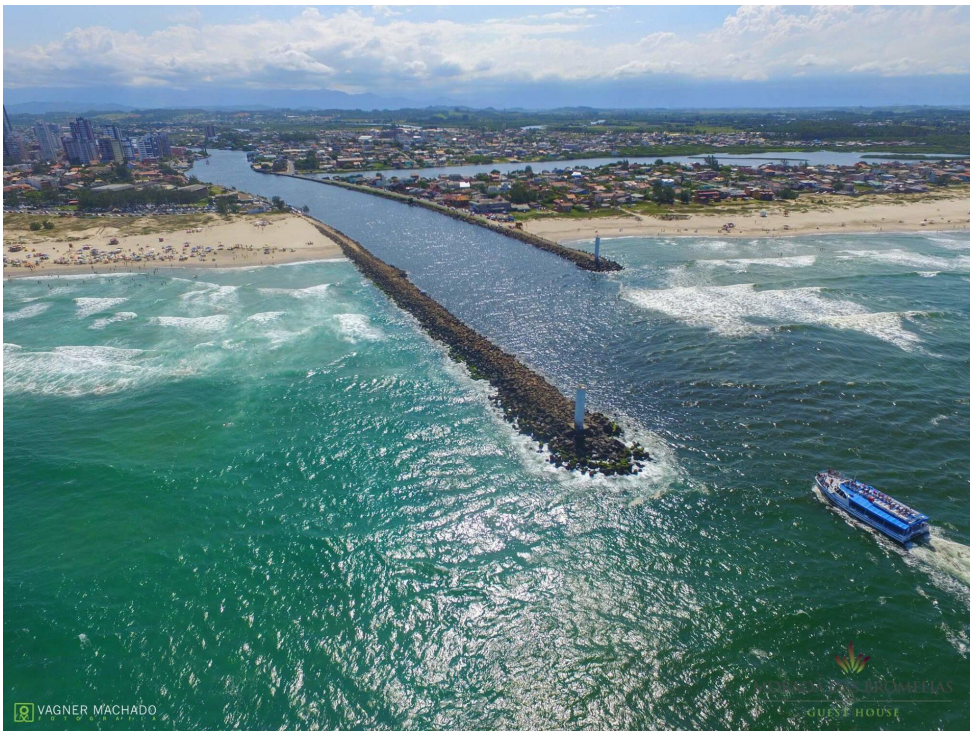
Surfistas no costão. Praia da Cal, Torres - RS.

Fonte:
https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/verao/noticia/2020/02/os-melhores-picos-de-surfe-no-litoral-norte

Ao longo do litoral, é possível encontrar outros locais que modificam as longas praias gaúchas que são naturalmente mais retilíneas, são bocas de rio, com barras construídas para saídas de embarcações que também são boas opções para quem busca condições um pouco melhores.

A barra de Imbé, que faz divisa entre este município e Tramandaí, é um bom exemplo, bem como a boca do Rio Mampituba, que faz a divisa do estado entre Torres - RS e Passo de Torres - SC.

Barra de Imbé - RS. Fonte: https://viagensecaminhos



Torres (esquerda) e Passo de Torres (direita). Fonte: ponto_turisticopraia-dos-molhes

Contudo, é próximo aos pilares das plataformas de pesca espalhadas ao longo do litoral norte que pode-se dizer que os surfistas mais se agrupam. Especificamente em Xangri-lá, Tramandaí e Cidreira é comum observar surfistas ocupando os dois lados das plataformas em dias bons para aproveitar as bancadas geradas a partir do acúmulo de areia próximo às construções.

Em matéria de GZH de 2020, foram identificados “os melhores picos de surfe do Litoral Norte”, sendo que as plataformas ficaram entre os mais comentados entre os surfistas entrevistados pela reportagem.

Plataforma de Pesca de Tramandaí. Fonte: https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/verao/noticia/2020/02/os-melhores-picos-de-surfe-no-litoral-norte

Plataforma de Atlântida. Fonte: https://gauchazh.clicrbs.com.brreforma-da-plataforma-maritima-de-atlantida

CONFLITOS NO SURFE

Não é incomum a existência de conflitos entre usuários de espaços públicos que possuem objetivos diferentes de uso para o mesmo.

Quando se pensa nas bicicletas, por exemplo, o conflito no espaço urbano com os veículos nas rodovias e com os pedestres nas calçadas, gerou a necessidade da criação de espaços específicos para a bicicleta, a ciclovia.

Para o skate, que gera conflitos igualmente importantes de circulação e uso destes espaços foram criadas as pistas públicas, muitas até simulam objetos existentes em calçadas e canteiros, como bancos e corrimãos.

Mas e quando se pensa no surfe? Que conflitos podem existir nesta prática corporal?

O primeiro a ser observado é o conflito de uso de um espaço onde a água ainda é rasa e que, principalmente no verão, será compartilhado/disputado com maior quantidade de pessoas que se utilizam dele para o banho.

Normalmente são nestes espaços mais rasos em que os aprendizes iniciam seu processo de iniciação no surfe, o que pode gerar riscos para aqueles que estão ao seu redor, principalmente devido ao fato de que os iniciantes utilizam pranchas maiores que facilitam o equilíbrio e a estabilidade do praticante.

Contudo, devido ao seu tamanho e peso maiores, os longboards podem ser potencialmente perigosos aos banhistas no geral, e, quando aliamos seu peso e tamanho, à velocidade e o controle ainda pequeno da prancha que os iniciantes apresentam, os acidentes envolvendo batidas e atropelamentos podem ser graves, principalmente para crianças e idosos.

Um pouco mais ao fundo, onde o conflito com os banhistas diminui consideravelmente, apresentam-se outras possibilidades que também trazem risco, contudo desta vez, eles estão mais relacionados à integridade dos surfistas.

Também não são incomuns, os relatos de diferentes conflitos entre surfistas e pescadores. Estes que também utilizam o mar como local de lazer e muitas vezes profissionalmente envolvem-se frequentemente em conflitos com surfistas, em diferentes espaços e de formas diferentes.

Há diferentes tipos de interação entre os surfistas e pescadores no litoral gaúcho, podendo acontecer entre surfistas e pescadores que utilizam caniços, onde as linhas do

mesmo projetam-se mar adentro, muitas vezes adentrando a zona de arrebentação e ocupando o mesmo espaço em que o surfista percorre ao surfar uma onda.

É próximo às plataformas de pesca construídas pelo Litoral que este conflito ocorre com mais intensidade, pois neste espaço específico os surfistas ficam mais próximos do que daqueles pescadores que ficam à beira mar, por exemplo.

No próximo tópico vamos apresentar os conflitos existentes no mundo do surfe, que não acontece somente com a pesca, mas também entre os próprios surfistas em alguns momentos.

SURFE E PESCA NO LITORAL GAÚCHO.

No litoral norte do RS, existem diferentes tipos de pesca que utilizam diferentes artefatos e momentos do dia para a sua prática. A pesca de caniço à beira mar ocorre o dia inteiro, em diversos lugares ao longo da costa.

Neste tipo de pesca, o pescador geralmente utiliza-se de um ou dois caniços, com molinetes ou carretilhas que enrolam as linhas que são lançadas há dezenas de metros da orla em direção ao mar.

Levam-se baldes com iscas e em sua maioria os pescadores desta modalidade são pessoas de idades mais avançadas que aproveitam o início da manhã e o final da tarde para pescar, seja por lazer ou até mesmo em busca de alimento para sua família.

Em geral, este tipo de pesca não influencia diretamente a prática do surfe, pois as linhas não possuem comprimento suficiente para chegar até a bancada onde as ondas ocorrem, ficando quase sempre em locais mais rasos e próximos da orla.

Ainda, é possível observar que no verão esta prática diminui em momentos de sol forte, devido ao aumento no número de banhistas que ficam mais expostos à acidentes com os anzóis ou garatéias utilizados neste modelo.

Pesca em plataformas, um pouco mais de risco…

A pesca com caniço sobre as plataformas, oferece maiores riscos para os surfistas, já que, os pescadores conseguem ultrapassar a linha das ondas, indo à distâncias entre 300 e 500 metros mar adentro, para lançar suas linhas em locais onde a pesca na orla não permite.

É com este tipo de pesca, que no geral os conflitos ocorrem, principalmente ao entorno das plataformas de pesca, dependendo da quantidade de pescadores no dia, pode-se tonar inviável surfar próximo aos pilares devido à quantidade de linhas que atravessam a “linha” da onda, onde o surfista precisa passar para aproveitar as ondas.

Ao longo dos anos este tipo de conflito têm diminuído, ocorrendo com menos frequência do que se relata sobre as décadas passadas, contudo sempre é perigoso surfar próximo à linhas de pesca, pois elas podem promover cortes em diversas partes do corpo, além é claro de perfurações por anzóis ou outros artefatos utilizados para a pesca esportiva.

Contudo, surfar próximo às plataformas de pesca também oferece outros riscos, como choques contra os pilares de sustentação que são feitos em concreto, e possuem mariscos que se alojam em suas estruturas e podem causar cortes e ferimentos difíceis de cicatrizar.

No entanto, este tipo de pesca ainda não é o que oferece mais risco aos surfistas no Litoral Norte do Rio Grande do Sul que veremos no próximo tópico.

A pesca com redes fixas.

Esta modalidade, conhecida como pesca artesanal que é regulamentada por lei e reconhecida como profissão utiliza-se de artefatos que ficam fixos à cabos, cordas, fixos em “calões” ou âncoras dentro d’água, não necessitando assim da presença do pescador para que o pescado seja capturado, como no caniço ou tarrafa.

Deste modo, as redes ficam submersas pescando por todo o período em que estão instaladas no mar, trazendo diferentes riscos à população e também à própria fauna marinha.

Por ser uma modalidade não-seletiva ela pode trazer inúmeras consequências ambientais, já que captura tudo aquilo que é trazido pelas correntes marítimas, como peixes muito jovens para comercialização, golfinhos, leões ou lobos marinhos e pinguins, que passam pelo nosso litoral principalmente no inverno em decorrência da migração anual das espécies.

Além disto, quando instaladas de forma inadequada ou não retiradas em dias em que a previsão indica ressaca, elas podem soltar dos cabos e flutuar sem destino como redes fantasma, sem qualquer direção ou sinalização, levando risco à banhistas, surfistas ou quaisquer outros que possam estar na água.

Este tipo de pesca já vitimou surfistas no estado, os números segundo a Federação Gaúcha de Surfe são de 49 surfistas, mas não são confirmados por órgão do estado. Recentemente, em 2021 um experiente surfista e guarda-vidas[2] faleceu preso a um destes artefatos na cidade de Cidreira.

É importante ressaltar que há legislação estadual[3] que determina a criação de áreas específicas de pesca e de surfe, nas faixas litorâneas de cada município, e que as redes devem estar identificadas através de placas que indicam sua extensão e também o nome e registro do pescador responsável por ela, o que frequentemente não acontece devido à baixa ou inexistente fiscalização por parte dos órgãos municipais.

Além disto as áreas de surfe devem possuir extensão mínima de 2,1km e serem demarcadas com placas grandes de tamanho suficiente para serem observadas de dentro da água, assim sinalizando aos surfistas o início/fim da área determinada para a prática de esportes.

[2] https://hardcore.com.br/surfista-e-guarda-vidas-gaucho-morre-apos-ficar-preso-em-rede-de-pesca/
[3] Ver: http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/LEI%2014.285.pdf

Modelos padrão de placa de sinalização conforme legislação atual.

Entendemos que tratar de segurança durante a prática do surfe o que inclui pensar nestas relações de conflito existentes entre os diferentes usuários de um local público como o mar, contribui para as reflexões a partir de diferentes perspectivas de uso deste espaço, a do surfista e a do pescador.

SURFE E O LOCALISMO.

Outro tipo de conflito muito comum em picos de surfe, acontece devido ao “localismo”.

Este é um tipo de comportamento entre surfistas, associado principalmente a surfistas de alguma região em específico, que por serem moradores ou usuários mais frequentes daquele “pico” de surfe, são denominados como “locais”, e instituem certas regras sociais para surfar, que não necessariamente serão iguais de um pico para outro.

O localismo é, no geral, um meio que surfistas encontraram para definir algumas regras implícitas que acabam por regular certas prioridades durante as sessões de surfe.

Por exemplo, é implícito em muitos *lineups* que os surfistas locais tenham preferência na escolha de onda, e até mesmo na posição dentro do mar, perante outros surfistas que não são residentes ou usuários frequentes daquela praia, os chamados “haoles[4]”.

Em muitos lugares, estas regras são seguidas à risca mesmo não sendo regras escritas ou oficiais, é subentendido que o respeito aos surfistas que vivem diariamente naquele pico é justo e necessário.

Contudo, o mar não deixa de ser um local público, e quando algumas pessoas deixam de importar-se com esta “etiqueta” implícita do mundo do surfe, conflitos podem surgir. Gritos, xingamentos e até violência física já foram registrados em muitos locais, e algumas praias são mais conhecidas por ter um “localismo” forte.

No entanto, em diversas praias este fenômeno pode não ser tão acentuado, mas é sempre importante ter conhecimento sobre o local em que se frequenta e seu histórico quanto ao localismo, principalmente se você é, ou está na condição de *haole.*

---

[4] Entre as expressões mais comuns do surfe está o termo “*haole”*, termo havaiano que significa “homem branco” e era utilizado pelos nativos do Havaí, para se referir aos ingleses que invadiram suas terras ainda no período das expansões marítimas e colonizadoras.
(BANDEIRA; RUBIO; 2014)

SEGURANÇA NO SURFE.

É importantíssimo ao estudar o surfe, buscar compreender os riscos inerentes envolvidos em sua prática, pois, além daqueles relacionados às interações com a pesca acima citados, existem riscos maiores presentes na prática do surfe.

O primeiro a ser considerado neste tópico, é o risco de afogamento, presente em qualquer atividade aquática, este é um dos maiores riscos oferecidos pelo surfe é muito importante de ser analisado nos momentos de estudo sobre o surfe.

É importante ressaltar que, na fase de iniciação ao surf, geralmente o professor utiliza a areia como ponto de partida para ensinar os primeiros movimentos aos alunos, posteriormente, entra-se no mar na parte mais rasa mas não por isso deve ficar menos atento aos riscos de afogamento, já que podem existir buracos e a força das correntes podem puxar os iniciantes para partes mais fundas, mesmo a poucos metros da areia.

Por isso, desde o primeiro contato dos alunos com o mar, é importante pensar na adaptação ao meio líquido, já que nem todos possuem uma experiência prévia, quando se fala do mar, onde o ambiente é muito mais instável do que uma piscina, por exemplo, os riscos são sempre elevados.

Elenco aqui alguns quesitos importantes que os surfistas de qualquer nível deve estar atentos antes de cair no mar, em qualquer situação:

1. Que o surfista procure conhecer previamente a praia e o funcionamento da onda no local em que escolheu para surfar.

2. Que esteja em condições físicas de entrar e sair do mar sozinho, e em último caso, com condições de sair sem a prancha se necessário.

3. Procurar surfar em locais onde exista guarda-vidas e também maior número de pessoas, ao menos na areia, e com condições de visibilidade para pedir socorro ou sair em seu auxílio em caso de algum acidente.

4. Compreender o nível de surfe em que se encontra e sempre respeitar seus limites, levando a segurança de si e outrem sempre em primeiro lugar.

5. Saber identificar quando algum(a) outros surfista está passando por problemas e estar apto a auxiliá-lo ou, ao menos, solicitar o socorro adequado o mais rápido possível.

Seguindo estes passos, já pode-se dizer que há uma grande diminuição da possibilidade de acidentes no mar, contudo é preciso sempre levar em consideração que o mar é uma parte da natureza e que não podemos controlar, apenas no máximo prever seus comportamentos dentro de uma janela de horários para de alguma forma tentar minimizar os riscos à vida de quem propõe-se à surfar.

EQUIPAMENTOS PARA O SURFE SEGURO

Conhecer o seu equipamento e a funcionalidade de cada parte dele, é muito importante para que as pessoas possam utilizá-los com mais calma e paciência em momentos perigosos, que podem acontecer quando menos esperamos.

"Uma prancha moderna é composta basicamente por 3 elementos fundamentais, sendo eles: **a prancha, o *leash,* as quilhas, o *deck* e a parafina**"

É possível surfar apenas com uma prancha, sem cordinha ou quilhas, é o caso das "alaias", pranchas semelhantes às usadas pelos nativos havaianos conforme visto anteriormente.

Contudo na modernidade, com a evolução dos sistemas de construção de pranchas, não é mais comum observar nos lineups pranchas sem quilhas ou cordinhas, mas é possível observar uma grande variedade de modelos e variações, como monoquilhas, biquilhas, triquilhas ou quadriquilhas.

Existem outros equipamentos que podem ser utilizados como os ***decks***, que são feitos de materiais emborrachados e que quando colados à prancha auxiliam o surfista a ter uma melhor aderência de seus pés com a prancha, objetivo para o qual utiliza-se mais comumente a **parafina**.

Vamos começar por um dos equipamentos mais importantes para a segurança do surfista e também daqueles que os rodeiam que é o **leash**.

O ***leash***, também conhecido como “cordinha” ou “estrepe” no surfe, tem a função de unir o surfista à prancha, diminuindo as chances deste ficar à deriva ou muito distante de sua prancha no caso de um caldo ou vaca.

Geralmente construídas a base de uretano, material que promove resistência e flexibilidade à cordinha que pode até esticar ao ser tracionada pela onda, mas possui resistência suficiente para não arrebentar por um bom período de uso.

Contudo, vale lembrar que mesmo passando muita segurança aos surfistas, depois de muito tempo de uso ele pode arrebentar (principalmente em dias de mar grande) e deixar o surfista sem a prancha durante a sessão, por isso é recomendado que seja sempre revisado antes de entrar na água.

Também é muito importante que ao entrar em locais profundos ou se distanciar da costa, o surfista saiba nadar ou ao menos que se mantenha boiando em condições de pedir auxílio ou socorro em caso de algum acidente mais grave.

Quilhas

As quilhas também são importantes para um surfe mais seguro, afinal são elas que possibilitam que a prancha fique o menos instável possível, dando direção e estabilidade à prancha de surfe. Sua ação ao “cortar” a parede de água da onda, mantém a prancha mais próxima à ela e favorecem a hidrodinâmica da prancha auxiliando o surfista construir uma “linha” de manobras ao percorrer às ondas

As **quilhas** são variadas em tamanhos, modelos, formatos, tipos de material de fabricação e principalmente em sua função.

Cada tipo de quilha, dependendo da configuração em que for usada pelo surfista, proporciona uma experiência diferente no comando da prancha, e também possuem quilhas específicas para pranchas de modelos diferentes, como os longboard’s, Stand Up Paddle e monoquilhas, utilizam uma quilha maior no centro da prancha chamado de “**quilhão**”, como na imagem ao lado.

.

Deck's

Os deck's são construídos com materiais sintéticos e aplicados à prancha com cola para que fiquem posicionados exatamente nos locais onde o surfista põe o pé enquanto está surfando.

Substituem a **parafina**, trazendo mais aderência e o benefício de estarem sempre disponíveis na prancha para uso, já que são colados.

Contudo alguns surfistas não se adaptam muito bem a este sistema e relatam lesões na pele devido ao atrito com o peito e joelhos no momento de remar na prancha por exemplo, principalmente em locais ou épocas quentes onde se pode surfar sem camiseta.

Outra opção, mais comum e mais barata para criar aderência na prancha ainda é a **parafina**, feita através de composições químicas entre o Carbono e o Hidrogênio, é muito popular entre os surfistas e possui diferentes modelos para temperaturas de água como frio, morna ou quente.

Roupas e outros acessórios de proteção

Ao tratarmos de uma prática na natureza, deve-se lembrar sempre que estamos sempre sujeitos às mudanças climáticas e às condições de cada dia ou época específica em que praticamos o surfe.

No Rio Grande do Sul, região em que no geral temos quatro estações bem definidas e com significativa variação de temperatura, tanto do ar quanto da água ao longo do ano, é importante sempre estar atento à proteção do próprio corpo do surfista.

Portanto, nos períodos de condições mais extremas como no verão em que se pode ter dias com 40º, e no inverno onde as marcas podem ficar abaixo de zero nos dias mais frios, torna-se importante a utilização de roupas e acessórios de proteção, que auxiliam a evitar complicações decorrentes da exposição ao calor ou ao frio, dependendo da estação.

Por exemplo, em dias muito quentes no verão gaúcho pode-se alcançar temperaturas próximas dos 40º Celsius, condição que pode trazer complicações como queimaduras na pele decorrentes da exposição ao sol por longos períodos.

Uma dica importante é de que em dias quentes, é importante evitar estar na água nos momentos de sol mais alto, entre 11:00 da manhã e 16:00 da tarde por exemplo, e se for surfar nestes períodos, é importante o uso de protetor solar, com fatores de proteção altos, associado ao uso de camisetas de *lycra* que em sua maioria hoje possuem algum nível de proteção com raios solares.

Há também a opção de uso de chapéus de proteção que reduzem a incidência dos raios solares sobre a cabeça, rosto e ombros do surfista.

Já no inverno, o Rio Grande do Sul pode atingir as menores temperaturas do país entre os meses de Junho e Agosto, registrando menos de 0º C em alguns dias do ápice da estação. Aliando isto às águas mais frias que costumeiramente são trazidas pelas correntes das Malvinas,

os riscos de complicações por hipotermia podem aumentar significativamente neste período.

Para conseguir surfar nesse período mais frio (sim! o surfe Gaúcho também existe no inverno!) os surfistas utilizam roupas de neoprene, especialmente construídas para manter a temperatura do corpo e impedir a troca de calor com a água e temperaturas congelantes do ambiente.

Os “wetsuits” também conhecidos popularmente como “long jhon” pode ser produzido por diferentes fábricas e marcas, sendo comumente utilizado como material principal o neoprene.

Costumam ter um custo elevado, variando entre 1.500 e 3.000 reais em média no mercado nacional, em números atualizados. Contudo também é possível encontrar um mercado de usados e seminovos em lojas, outlets ou mesmo oferecidos em grupos de whatsapp de surfistas ou de previsão de ondas.

Outros acessórios utilizados nos dias frios, são as botas, luvas e gorros que podem ser encontrados separadamente dos wetsuits, e oferecem maior proteção às áreas mais sensíveis ao frio que são as extremidades corporais, permitindo que o surfista consiga ficar mais tempo dentro d’água no inverno.

SURFE E MEIO AMBIENTE

Reprodução: https://nationalgeographic.pt/natureza/actualidade/1850-surfar-entre-lixo

Por se tratar de uma prática executada diretamente no meio natural, o (a) surfista foi sendo reconhecido ao longo dos anos, como um dos agentes responsáveis por proteger e defender a Natureza, principalmente naqueles locais mais próximos ao Oceano e ao litoral de forma geral.

É um fato que diversas ações em prol do meio ambiente e da redução dos impactos causados por parte dos seres humanos, de fato podem surgir a partir de ONG's ou Associações em que surfistas se fazem presentes.

Estas ações podem vir de grupos grandes de defensores no Brasil como o EcoSurf que conduz no País inteiro dias de recolhimento de lixo nas praias a partir do trabalho de voluntários, palestras de conscientização ambiental além de também ofertar em seu site oficial jogos para serem utilizados nas escolas atraindo os jovens para a conscientização sobre os impactos que causamos na Natureza.

ECOSURF
Proteger o Oceano é da nossa Natureza

Também pode vir de projetos menores (mas não pequenos) como o do Instituto EcoGaropaba, liderado pelo surfista gaúcho Jairo Lumertz e sua esposa Carolina Scorsin, que recolhem garrafas PET entre outros materiais recicláveis para construir pranchas ecologicamente corretas e que podem ser utilizadas para a prática de Surfe ou Stand Up Paddle, a dupla também promove palestras pelo Brasil ensinando outras pessoas a construir suas próprias pranchas de PET, ajudando assim na redução deste tipo de plástico no Meio Ambiente.

Independente do formato ou tamanho, ações como estas sempre serão bem vindas e possíveis de serem incluídas na escola, seja como um Projeto Inter/transdisciplinar ou como ação exclusiva para uma data específica como a Semana do Meio Ambiente, por exemplo.

Contudo, há de se destacar e refletir que com o avanço da modernidade e a popularização do surfe enquanto prática esportiva no Brasil e no Mundo, fica difícil continuar associando o surfista a este estereótipo de “amigo da natureza”, já que o surfe passou por diferentes transformações ao longo do tempo e se modernizou junto com a tecnologia, que a cada nos impõe um maior consumo de bens não-degradáveis.

O próprio sistema de construção de pranchas por exemplo, que nos primórdios era construídos apenas com madeira, hoje possuem materiais não-degradáveis e extremamente poluentes como a resina epóxi, os blocos de isopor e os tecidos feitos a partir de fibras não-naturais de vidro ou de carbono.

Muitas vezes os shapers e fábricas de pranchas não conseguem aproveitar todo o material que sobra das construções de novas pranchas e acabam por descartar estes materiais de forma incorreta, podendo contribuir com a poluição do Meio Ambiente.

O uso de veículos automotores para se chegar aos picos, ou mesmo o trânsito de veículos na beira da praia, algo muito comum aqui no Estado, também pode trazer sérios danos à orla, a partir do derramamento de óleo ou combustíveis além de causar impacto direto sobre as dunas e todo o ecossistema que utiliza-se deste espaço específico para sobreviver.

O turismo de surfe e as viagens realizadas por surfistas em busca de picos inexplorados, ao longo das últimas décadas, ocasionou na urbanização de localidades muito sensíveis e que não tinham condições de receber estrutura turística ou mesmo

grande quantidade de pessoas sem sofrer demais com os impactos do ser humano no Meio Ambiente, a ilha de Bali na Indonésia, por exemplo, é um dos destinos turísticos de surfe mais conhecidos e desejados por praticantes ao redor do mundo inteiro.

Contudo, há décadas vêm sofrendo com a falta de infraestrutura, principalmente com dificuldades na destinação do lixo trazido para a ilha pelos turistas e também com precariedade na captação e tratamento de água poluída, o que impacta diretamente na qualidade de vida dos nativos insulares.

Outro fato importante a salientar é que, na atualidade, praticamente tudo que o homem utiliza é construído a partir de materiais não-degradáveis como plásticos de diversos tipos para construção de garrafas, acessórios entre muitos outros produtos altamente consumidos pelo Homem Moderno.

Embora seja possível visualizar “novas ondas” de Sustentabilidade a cada dia no mercado moderno, como novas ofertas de garrafas retornáveis, escovas dentais de madeira reciclada, canudos de reutilização em substituição aos de plástico, etc, ainda não se pode confirmar que estes tipos de produto ou matérias-prima são maioria na indústria, que a cada dia cresce mais e consome de forma voraz as energias naturais do planeta.

Por isto é que compreendemos que, atualmente não se pode generalizar o surfista ou sua figura como alguém extremamente comprometido com a defesa e cuidado com o Meio Ambiente, pois de forma geral há uma heterogeneidade muito grande entre os praticantes que nos permite refletir de forma plural sobre estes impactos causados pelo Homem/surfista no Meio Ambiente.

Todas estas reflexões podem ser propostas nas escolas, a partir da **realidade local**, **construindo junto aos alunos um caminho possível** para as dificuldades que a comunidade em que estão inseridos apresenta a seus olhos, neste caso voltando os olhos à temática do Meio Ambiente, compreendemos que é possível **envolver a comunidade escolar em projetos** que possam trazer mais qualidade e possivelmente sentido para as ações dos estudantes.

SURFE NA ATUALIDADE

Atualmente, vivemos um período onde muitas das estruturas da sociedade Moderna ou foram rompidas, ou encontram-se em processo de fragilização de sua influência sob a sociedade pós-moderna em que vivemos.

Certas posições e convenções sociais começam a ficar ultrapassadas por novas concepções de mundo e leituras mais plurais da sociedade e dos modos de se relacionar dos seres humanos nesta.

O mundo do surfe não está alheio a todo este processo, e hoje a multiplicidade de formas de surfar pode ser observada em diferentes locais, condições e a partir de muitos equipamentos diferentes, que foram sendo criados ao longo de muitas décadas de inovação e expansão ao redor do mundo.

Inicialmente com pranchas de madeira, o surfe já se transformou em um mundo muito maior do que um ritual de nativos havaianos do século XVIII, englobando diversas formas de praticá-lo que podem ser classificados pelos objetivos finais de cada praticante.

A fim de organizar essas ideias, pensaremos a partir da tríade abaixo:

LAZER ⇆ FREESURF ⇆ ESPORTE

No âmbito do lazer, os praticantes surfam em busca de diferentes objetivos, mas que ao serem contrapostos com os objetivos das categorias Freesurf e Esporte apresentam-se a partir de uma oposição entre tempo livre e tempo de trabalho, como veremos:

Lazer

Para praticar o surfe por lazer, por exemplo, não se faz necessária uma roupa, horário, equipamento ou mesmo tempo pré-determinados para a prática do surfe, aqui há uma liberdade que não existe no âmbito do esporte, e que pode apresentar-se de forma semelhante no âmbito do freesurf, mas com objetivos diferentes.

Os objetivos dos praticantes de lazer, podem ser a melhoria da sua condição física, uma busca por momentos de alegria e diversão durante o dia a fim de relaxar do stress de suas rotinas de trabalho diárias ou semanais, desafiar-se contra a natureza através de atividades desafiadoras e excitantes, buscar novas experiências em lugares remotos e afastados através do surfe e das viagens entre inúmeras outras possibilidades que pode-se dizer que são quase infinitas.

Possivelmente, a maioria dos praticantes de surfe possa encaixar-se nesta categoria na maior parte de seu tempo de surfe, já que o caminho da profissionalização no mundo do surfe é muito disputado, principalmente quando se fala em profissionalização como atleta de competição.

Freesurf

O Freesurf é um dos meios pelos quais surfistas conseguem realizar o sonho de trabalhar surfando. Os surfistas “free surfers” costumam surfar em diversos locais, e de forma geral trabalham vendendo sessões de fotos para marcas de “surfwear”, fabricantes de acessórios ou mesmo para sites e revistas especializadas.

Muitos são ex-atletas profissionais que já se aposentaram do Circuito Mundial ou de Campeonatos Nacionais, mas que por sua experiência ainda surfam muito bem, por isto são selecionados por empresas, fechando contratos como garotos(as) propaganda, vendendo imagens de si ou vídeos de sessões de surfe nas melhores ondas do mundo, enquanto usam roupas, equipamentos e acessórios das marcas que os contratam.

Muitos destes surfistas acabaram com o tempo, especializando-se em tipos de onda ou em apresentações de manobras específicas, como por exemplo o surfista Bruno dos Santos, brasileiro conhecido por ser um dos maiores “tuberiders” do mundo e um dos freesurfers que mais recebem anualmente na atualidade.

Bruno dos Santos em imagem promocional para a marca Rip Curl. Fonte: https://www.ripcurl.com.br/bruno-santos

Também existem outros nichos de especialidades que vão sendo criados a partir das inovações que acontecem no mundo do surfe ao redor do globo. Existem free surfers especialistas em manobras aéreas, em surfar com outras pranchas como longboards, monoquilhas, biquilhas, triquilhas ou quadriquilhas por exemplo. Enfim,as variações são impossíveis de nomear, já que a expansão do surfe no mundo trás cada dia diferentes opções de diversão sobre uma prancha.

O Free Surf torna-se uma opção de trabalho para aqueles surfistas que não conseguiram ao longo de sua carreira um vaga no Circuito Mundial, para aqueles que simplesmente não gostam de competir e preferem poder expressar seus sentimentos no surfe sem amarras de julgamentos de baterias e pressões por resultados existentes no esporte de alto rendimento.

Neste estilo de trabalho, a inovação, irreverência, estilo e atitude do surfista ao registrar fotos e vídeos são elementos de destaque para uma inserção no mercado de trabalho do Free Surf nacional.

Esporte

O surfe no mundo esportivo apresenta-se através de diversos tipos de eventos de competição que acontecem no mundo inteiro, em diferentes formatos e para diferentes públicos de surfe.

Se pensarmos na organização da esfera competitiva do surfe na atualidade temos destaque internacional para duas entidades que organizam e promovem grandes eventos ao redor do mundo.

A WSL (World Surf League) é uma empresa privada organizadora de uma competição internacional de surfe, WCT (World Championship Tour) popularmente conhecido como “CT”. Nesta competição, os 36 melhores homens e as 18 melhores surfistas do mundo competem entre si em busca do título de campeão mundial de surfe, tanto feminino quanto masculino.

Existe uma categoria de classificação ao WCT, que acontece através de um sistema de pontuação e ranking dos atletas da segunda divisão do surfe internacional, o Challenge Series, no qual os surfistas participam de eventos do QS (Qualifying Series) que acontece em diversas praias do mundo inteiro, que são divididas nas sete regiões mundiais (África, Ásia, Austrália/Oceania, Europa, Havaí, América do Norte e América do Sul) classificando os atletas para a competição máxima no outro ano.

É nesta competição que uma geração de brasileiros vem fazendo sucesso na última década, conhecida como “Brazillian Storm” este grupo de atletas representa o que há de melhor no surfe brasileiro da atualidade. Sua hegemonia no surfe mundial (principalmente no masculino) impressiona, nos últimos 10 anos de competição, os atletas brasileiros venceram 6 mundiais no masculino.

Isto tornou-se uma boa virada de chave para o surfe brasileiro, que começa a reestruturar suas agendas de competições nacionais em busca de novos atletas para manter o bom rendimento do país no surfe mundial.

Abaixo, imagens de alguns atletas da geração “Brazillian Storm” que vêm figurando com sucesso no surfe internacional:

(Da direita para a esquerda, de cima para baixo: Filipe Toledo, atual campeão mundial 2022; Gabriel Medina, 3 x campeão mundial , 2014, 2018 e 2021; Adriano de Souza, campeão mundial 2015, Ítalo Ferreira, campeão mundial 2019; Tatiana Weston-Webb, Vice campeã em 2021 e Silvana Lima, vice campeã mundial em 2008 e 2009).

Galaxy
airiopro
oi

WORLD SURF LEAGUE
EST. 1976
TAHITI
PRO

Jeep
BILLABONG
PIPE MASTERS
HAWAII

5

Outra entidade organizadora de competições de surfe é a ISA (International Surfing Association), é a federação internacional que está oficialmente associada ao Comitê Olímpico Internacional, o COI, comitê organizador das Olimpíadas.

Em 2020, o surfe foi anunciado como um dos novos esportes olímpicos, a serem incluídos nos Jogos de Tóquio, no Japão, que acabaram acontecendo em 2021 devido aos atrasos decorrentes da Pandemia Mundial de Covid-19.

Neste evento, considerado o maior evento esportivo do mundo, o surfe foi um dos destaques juntamente ao seu “irmão” o skate, fazendo sucesso entre o público mais jovem.

O resultado dos brasileiros foi novamente positivo, tendo os atletas Ítalo Ferreira e Gabriel Medina classificados para o masculino e Tatiana Weston-Webb e Silvana Lima para o feminino.

Ítalo Ferreira sagrou-se campeão no masculino e tornou-se o primeiro medalhista olímpico de ouro do surfe, fazendo história e colocando seu nome no panteão dos medalhistas olímpicos brasileiros.

As meninas fizeram bons resultados com Tatiana Weston-Webb avançando para as oitavas e Silvana Lima parando nas quartas de final.

No Brasil o surfe é comandado diretamente pela CBSurf (Confederação Brasileira de Surfe), organizadora do Circuito Profissional Brasileiro de Surfe, juntamente às entidades regionais espalhadas pelos estados litorâneos.

No Rio Grande do Sul a responsabilidade de organizar os eventos fica por conta da Federação Gaúcha de Surfe (FGS) , mas sempre apoiada pelas entidades locais

de cada cidade do nosso litoral, geralmente registradas como Associações de Surfe das localidades.

Para citar como exemplo, no último final de semana de Novembro/2022 ocorreu o evento nacional Xangri-lá PRO SURF, que reuniu atletas de diferentes estados em busca de rankeamento no Circuito Profissional Brasileiro, atraindo turistas e admiradores do esporte para as areias de Xangri-lá - RS.

Este evento foi realizado pela CBSurfe, com apoio direto da FGS e de entidades locais como a Associação Atlântida Pro Surf (APS) e Associação de Surfe e Esportes de Xangri-lá (ASEMUX), além de diversos patrocinadores locais como empresas e a própria Administração Municipal.

OUTRAS CATEGORIAS DE SURFE

Os surfistas brasileiros não são destaque apenas nas categorias de surfe de “pranchinha”, possuindo bons atletas também nas modalidades de longboard, com Phil Rajzman, bicampeão mundial de longboard.

Também temos ótimos atletas de destaque no mundo do surfe de ondas gigantes, nomes como Lucas Chumbo, Pedro Scooby, Rodrigo “Koxa” detentor do recorde mundial de maior onda em 2014 surfando uma onda medida em 24,38 metros de altura, ao lado dele temos também a atleta Maya Gabeira que possui o recorde feminino mundial na categoria, com uma onda surfada em 2017 de 22,4 metros.

Maya Gabeira e Rodrigo “Koxa” com seu troféu de maior onda.

O recorde de “Koxa” pode ter sido batido por outro brasileiro, o catarinense de Florianópolis Vinicius dos Santos, que segundo cálculo pode ter surfado uma onda de impressionantes 29,68 metros de altura.

Vini dos Santos, na onda que pode ser a maior de todos os tempos em Nazaré, Portugal. Fonte: https://ge.globo.com/brasileiro-surfa-onda-gigante-em-nazare-e-pode-ter-recorde-historico-maior-da-minha-vida.ghtml

Segundo Vinícius em entrevista ao Globo Esporte, a onda pode até não ser considerada a maior de todos os tempos, mas com certeza foi a maior de sua vida.

O surfe em ondas gigantes vêm ganhando espaço nas mídias especializadas, e impressiona devido à coragem, disposição e capacidade física aprimorada necessária para enfrentar os gigantes volumes de água, que podem ser fatais em muitos casos.

Aqui no estado existe uma competição online e interativa, que ganhou ainda mais força após as restrições da Pandemia, que se chama PampaBarrels e é a maior competição interativa de surfe no sul do País. Nela os surfistas e fotógrafos ou *filmmakers* de surfe, inscrevem-se com fotos e vídeos de performances em tubos no litoral do estado e também em categorias que contemplam os melhores tubos ao redor do mundo surfados por gaúchos.

Premiando surfistas, fotógrafos e *filmmakers* a competição completou sua 9ª edição recentemente, sendo o atleta de Torres, Gustavo Borges o campeão da principal categoria Tubo do Ano.

Enfim, o surfe é uma prática que foi esportivizada ao longo do século XX e que multiplicou suas maneiras de apresentação conforme as exigências do mercado esportivo e também de seu público geral.

Hoje existem muitas variações de estilo de surfe nas quais se podem realizar competições de diferentes tipos e formatos, desde torneios e competições internacionais até “surfetreinos” realizados entre amigos para compartilhar o surfe e competir entre si em algum final de semana no litoral.

CAMINHOS PARA O FUTURO DO SURFE

Piscinas de ondas?

Nos últimos anos uma grande inovação chamou atenção mundial da comunidade do surfe: a estreia da piscina de ondas (Surf Ranch) idealizada e construída pelo 11x campeão mundial e lenda do surfe Kelly Slater.

Slater pôs em prática um dos sonhos antigos do surfe mundial, que era criar um ambiente artificial onde pode ser possível de certa forma “controlar” as ondas e proporcionar melhores condições para o surfe e para as competições, reduzindo a grande dependência que o surfe possui das condições de swell e de vento principalmente nos picos em mar aberto.

Ao construir uma enorme piscina que possui um sistema que consegue literalmente criar ondas, Slater demonstrou ter conseguido controlar ao menos uma destas variáveis, o tamanho e direção das ondas.

Com um fundo de concreto e areia, calculado especificamente para uma onda que oferece sessões de manobras e até mesmo de tubo, chegando a aproximadamente 40 segundos de onda surfada até o seu final, tudo isto a aproximadamente 170 km do mar, em Lemoore, no sul do estado da Califórnia - USA.

Com certeza esta foi uma inovação avassaladora para o mundo do surfe, e que gerou muita discussão obviamente, depois da piscina do “careca” muitos outros modelos começaram a aparecer ao redor do globo, no Brasil um dos maiores projetos de piscina de ondas, está incluído nas construções de um modelo de condomínio fechado, o SurfLand Brasil.

Independente das discussões a serem levantadas a partir desta temática específica, o que pode-se perceber é que a expansão do surfe está em curso e com muita força. O advento das piscinas de ondas têm capacidade de levar a prática do surfe a locais mais distantes do oceano (embora com um custo elevado),

eliminando a distância geográfica como uma possibilidade para moradores destas regiões.

Já imaginou poder surfar no Acre? Mato Grosso, Minas Gerais? Seria no mínimo interessante poder acompanhar o desenvolvimento de “atletas de piscina”. Será que uma nova modalidade de surfe vem por aí?

Ou a imprevisibilidade do oceano e das condições climáticas ainda serão os desafios mais instigantes do surfe no futuro?

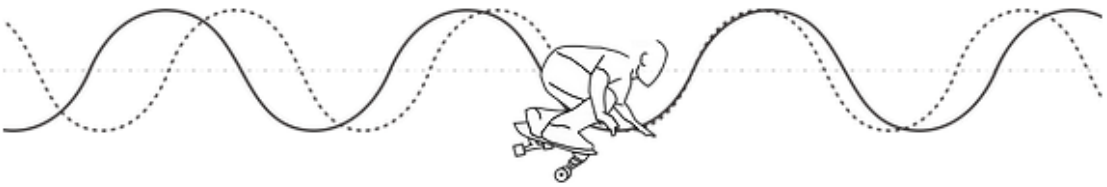
Abaixo, deixo o link de um vídeo de atletas brasileiros, que juntamente ao Canal OFF, apresentam o Surf Ranch ao seu público pelo YouTube!

Surf Ranch: A onda perfeita de Kelly Slater | Piscina dos Sonhos | Canal OFF

Surfskates como simulação?

Nas últimas décadas uma nova febre entrou para ficar no mundo do surfe, os SURFSKATES.
São modelos de skates que utilizam um sistema de truck’s diferente dos comuns encontrados em skates *street* ou *longboards*, de forma geral os surfskates possuem uma aparência similar a uma prancha pequena, às vezes são parecidos com skates comuns.

Mas o grande diferencial destes novos modelos é que o truck dianteiro que direciona o skate consegue proporcionar maiores curvas do que os outros modelos de skate, simulando assim a sensação de surfar com uma prancha no asfalto.



O surfskate já vem ganhando muitos adeptos no Brasil, a partir principalmente do "*boom* do surfe brasileiro com as vitórias da Geração Brazilian Storm no Circuito Mundial e sua frequente exposição nas mídias de massa e redes sociais.

Muitos destes atletas possuem contratos com fábricas de surfskates onde assinam modelos específicos que levam o seu nome. São muito utilizados por surfistas e treinadores para o aprendizado ou aprimoramento de movimentos específicos que as manobras do surfe exigem na água.

Infelizmente no Brasil o custo de um simulador de surfe ainda pode ser considerado elevado (entre 350,00R$ até perto de 3.000,0 R$) ele pode ser uma boa ferramenta para iniciação ao surfe.

Já vêm sendo utilizado dentro de escolas de surfe e pode ser uma alternativa para que estudantes de localidades distantes do oceano possam sentir de uma forma adaptada os desequilíbrios e instabilidades proporcionados pela prancha de surfe dentro da água, além de também ser uma opção para apresentar uma experiência diferente quando estivermos trabalhando a prática corporal do skate, por exemplo.

UM ATÉ BREVE…

Este produto educacional surge da produção da Dissertação de Mestrado intitulada “SURFE NA ESCOLA? percepções docentes acerca do surfe em aulas de Educação Física Escolar.” (FERREIRA, 2022)

Que foi escrita ao longo de 26 meses de pesquisa qualitativa, em que docentes do Litoral Norte do estado puderam contribuir para o enriquecimento do conhecimento acerca da temática do surfe que é ainda tão incipiente na pesquisa científica em Educação Física, e principalmente na subárea da Educação Física Escolar, esta na qual atuo diariamente de forma reflexiva e crítica, em busca de estar sempre avançando e de construir novos saberes a partir das relações entre mim, meus colegas e os estudantes das escolas onde tenho o prazer de atuar.

O objetivo principal deste *e-book* é contribuir com a qualificação da Educação Física Escolar, a partir dos conhecimentos de uma prática corporal com a qual tenho grande contato e larga experiência que é o surfe. Novamente, apesar de pouco comum nas Educação Física das escolas do país, o surfe é uma prática possível de ser apresentada aos estudantes, principalmente àqueles das regiões litorâneas, haja vista ser uma prática específica da Cultura Corporal de Movimento destas localidades.

Nesta primeira publicação apresentamos o surfe a partir de algumas temáticas que entendemos como possíveis de serem articuladas por docentes da região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, e que podem

contribuir para o enriquecimento dos saberes produzidos nas aulas de Educação Física, a partir do encontro dos estudantes com o surfe na região e também na escola.

Não nos focamos nesta publicação em construir proposições de atividades, pois entendemos que a autonomia e o conhecimento de cada docente de sua localidade de atuação são fundamentais para a construção de um caminho para a proposição do surfe em suas aulas.

Dentro do seu contexto específico e levando em consideração as especificidades de sua escola e condições de ensino, cada docente saberá as limitações e possibilidades de que dispõe para criar o seu próprio planejamento de aula utilizando-se das temáticas apresentadas neste trabalho.

Contudo, novos trabalhos estão em vista e a partir da publicação desta primeira edição contamos com a contribuição de colegas que estiverem interessados em colaborar com a qualificação da Educação Física Escolar, principalmente com foco para a Região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, localidade na qual vivemos e lecionamos, e, da qual refletimos e escrevemos esta obra com toda nossa dedicação e amorosidade.

Felipe Ferreira

Leandro Forell

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO UERGS

O Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional em Educação (PPGED/MP), da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, iniciou suas atividades na Unidade Litoral Norte, em Osório/RS, em 2017.

Tem por objetivos habilitar profissionais à criação e à implementação de ações transformadoras no campo da formação de professores para a educação básica; capacitar profissionais da educação para atuar em diferentes contextos da educação básica com vistas ao desenvolvimento, criação e produção de práticas inovadoras que impactem nos campos do currículo, políticas educacionais, artes, linguagens, tecnologias, memória e diversidade.

Bem como formar profissionais altamente capacitados para a identificação das potencialidades e necessidades oriundas do seu âmbito de trabalho, com recursos de pesquisa científica e de reflexão crítica para a produção de novas estratégias e ações para o fomento e qualificação do desenvolvimento regional.

uergs
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Constitui-se atualmente, de quatro linhas de pesquisa:

- L1 - Currículos na Formação de Professores
- L2 - Arte em Contextos Educacionais
- L3 - Direitos Humanos, Educação e Tecnologias
- L4 - Educação, Culturas, linguagens e práticas sociais

Saiba mais em: https://proppg.uergs.edu.br/mestrados/ppged

CONHEÇA OS AUTORES

Felipe Ferreira

Licenciado em Educação Física pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS (2012). Especialista em Educação Básica Profissional (2017) pelo Instituto Federal de Educação do Rio Grande do Sul (IFRS)

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado Profissional em Educação - PPGED/MP - UERGS. (2022), na Linha de Pesquisa Currículos na Formação de Professores.

Professor de Educação Física Escolar, atuante na educação básica nos municípios de Palmares do Sul e Cidreira, atuando em turmas de Anos Finais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil.

Currículo Lattes

Leandro Forell

Graduado em Educação Física pela Universidade Feevale. Especialista em Coordenação Pedagógica pela Universidade Feevale.

Mestre e Doutor em Ciências do Movimento Humano pela ESEFID da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Professor Adjunto da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - Unidade Litoral Norte. Professor permanente do PPGED/UERGS - Programa de Pós-Graduação em Educação.

Lider do Grupo de Estudos em Práticas Corporais - GEPRACO.

Currículo Lattes

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

REFERÊNCIAS:

ALVES, Vladimir, Zamorano.; MELO, Victor. Andrade de. **Um novo barato**: surfe e contracultura no rio de janeiro dos anos 1970. Revista Brasileira de Ciências do Esporte**,** v. 39, i. 1, p. 02-09, 2017. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0101328916000068 Acesso em: 01/01/2021.

ARAÚJO, Larissa Mamede; SILVA, Victor Alexandre Ferreira e; OLIVEIRA, Natália Cristina de. **Relato de experiência**: a pedagogia do surf na educação básica. Revista Edapeci: Educação à Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 158-163, 14 ago. 2018. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/8546. Acesso em: 12 maio 2022.

AVILA, Luciana Toaldo Gentilini ; LIMA DE SOUZA, Cláudia.; MATIAS SOARES, Rogério.; COELHO BOTELHO, Nathalia; SILVA SCHUERNE, Lara.; ALVES DUARTE, Sherelise; DE SOUZA RODRIGUES, Leonardo; BARROCO PINTO, Joana.; MARTINS PINTO, André Luis. **Práticas corporais de aventura**: uma experiência do PIBID educação física. Cadernos do Aplicação, Porto Alegre, v. 33, n. 2, 2020. DOI: 10.22456/2595-4377.103130. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/103130. Acesso em: 29 out. 2022.

BANDEIRA, Marília Martins; RUBIO, Kátia. **"De fora"**: corpo e natureza, medo e gênero no surf. Rev. bras. educ. Fís. esporte (Impr.) , São Paulo, v. 25, n. 1, pág. 97-110, março de 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092011000100010&lng=en&nrm=iso>. acesso em 22 de fevereiro de 2021. http://dx.doi.org/10.1590/S1807-55092011000100010.

BRACHT, Valter. **Aprendizagem social e educação física.** Porto Alegre: Magister, 1992

BRACHT, Valter . **Educação física & ciência**: cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí, Editora Unijuí. 1999.

BRASIL, Vinicius Zeilmann et al. **As ações pedagógicas para a intervenção do treinador de surf**. Movimento (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. 403-416, dez. 2015. ISSN 1982-8918. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/57346/37373>. Acesso em: 22 fev. 2021. doi:https://doi.org/10.22456/1982-8918.57346.

BRASIL, Vinicius. Zeilmann.; RAMOS, Valmor.; GODA, Ciro. **A produção científica sobre surf**: uma análise a partir das publicações entre 2000-2011. Pensar a Prática, v. 16, n. 3, 30 set. 2013. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/19466 Acesso em 21 fev 2021.

BRASIL, Vinicius. Zeilmann; RAMOS, Valmor; GODA, Ciro. **O conhecimento pedagógico para o ensino do surf.** Journal of Physical Education, v. 24, n. 3, p. 381-392, 27 Sep. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/refuem/v24n3/05.pdf Acesso em: 21 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/ Acesso em: 10 fev. 2021.

BRASIL**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB, 9394/1996. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm Acesso em: 10 fev. 2021.

CASTELLANI FILHO, Lino. As concepções de Educação Física no Brasil. **Horizontes** - Revista de Educação, *[S. l.]*, v. 1, n. 2, p. 11–31, 2014. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/view/3162 Acesso em: 5 jul. 2022.

CHAGAS, Luiz Gustavo das. **O surfe como tema da educação física escolar em escolas públicas de Florianópolis/SC.** 2017. 82 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/177633?show=full. Acesso em: 10 jul. 2022.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: **Cortez**, 1992.

CORREIO DO POVO. Aulas de surfe chamam atenção de veranistas em Atlântida. **Correio do Povo,** Porto Alegre, 05 jan. 2021. Disponível em: https://www.correiodopovo.com.br/verao/aulas-de-surf-chamam-aten%C3%A7%C3%A3o-de-veranistas-em-atl%C3%A2ntida-1.548459 Acesso em: 24 fev. 2021.

CORREIO DO POVO. Projeto no Litoral Norte forma surfistas e cidadãos. **Correio do Povo,** Porto Alegre, 14 fev. 2019. Disponível em: https://www.correiodopovo.com.br/verao/projeto-no-litoral-norte-forma-surfistas-e-cidad%C3%A3os-1.319953 Acesso em: Acesso em: 24 fev. 2021

COSTA, André Justino dos Santos. **O espaço em escolas públicas municipais de Florianópolis e sua implicação nas escolhas curriculares de professores de Educação Física**. 2015. 252 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Conceição Andrade (Org.). **Educação física na escola**:implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 293p.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação física na escola: realidade, aspectos legais e possibilidades. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 21-33, v. 16. Disponível em: http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/41548

DAOLIO, Jocimar. **Educação física escolar e megaeventos esportivos**: desafios e possibilidades. Kinesis, [S. l.], v. 31, n. 1, 2013. DOI: 10.5902/2316546410032. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/10032 . Acesso em: 21 jun. 2022.

DIAS, Cleber; FORTES, Rafael; MELO, Victor Andrade de. **Nas ondas**: surf, juventude e cultura dos anos 60 do Rio de Janeiro. Estud. hist. (Rio J.) , Rio de Janeiro, v. 25, n. 49, pág. 112-128, jun 2012. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862012000100008&lng=en&nrm=iso Acesso em 22 de fev de 2021.

FENSTERSEIFER, Paulo Evandro; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: a difícil e incontornável relação teoria e prática.. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 28, p. 27-37, jul. 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Fernando-Gonzalez-11/publication/332109639_EDUCACAO_FISICA_ESCOLAR_a_dificil_e_incontornavel_relacao_teoria_e_pratica/links/5ca161a845851506d738a53a/EDUCACAO-FISICA-ESCOLAR-a-dificil-e-incontornavel-relacao-teoria-e-pratica.pdf. Acesso em: 15 maio 2022.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; SILVA, Marlon André da. **Ensaiando o "novo" em educação física escolar:** a perspectiva de seus atores. Revista Brasileira de Ciências do Esporte (Impresso), [S.L.], v. 33, n. 1, p. 119-134, mar. 2011. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/s0101-32892011000100008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbce/a/wFBmNBzZMv5KsfdVQzDzJbb/abstract/?lang=pt#. Acesso em: 15 maio 2022.

FORTES, Rafael; MELO, Victor Andrade de. **Novos formatos, velhos discursos**: representações do surf no cinema brasileiro (1991-2006). Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun. , São Paulo, v. 36, n. 1, pág. 187-208, junho de 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442013000100010&lng=en&nrm=iso acesso em 22 de fev de 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GLOBO. Há 65 anos o surfe ganhava seus primeiros praticantes no RS. **Globo**, Porto Alegre, 09 jun. 2014. Disponível em: http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/06/ha-65-anos-surfe-ganhava-seus-primeiros-praticantes-no-rs.html Acesso em: 24 fev. 2021

GLUSZCZUK, Rafaela. **O Surfe na Educação Física Escolar**: relações entre a legislação e a prática pedagógica. TCC (Graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Desportos. Educação Física Licenciatura.(2019) Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/199708

GOMES, Leonardo. do Couto; SOUZA NETO, Amilton; ROJO, Jeferson Roberto; MORAES E SILVA, Marcelo. **Nas Ondas da Ciência**: Perfil da Produção do Conhecimento Sobre o Surf em Periódicos Brasileiros. *LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer*, *20*(4), 285–311 dez. 2017.Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1734 Acesso em: 20 fev . 2021

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evandro. ENTRE O "NÃO MAIS" E O "AINDA NÃO": pensando saídas do não lugar da ef escolar ii. **Cadernos de Formação do Rbce**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 10-21, mar. 2010. Disponível em: http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/978 . Acesso em: 15 maio 2022.

GOULART, Matheus Perucci Rosa. **A educação física inserindo o surf no contexto escolar**. 2016. 19f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Instituto de Educação Física, Universidade Federal Fluminense, 2016 Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/9660 Acesso em: 10/09/2021

GZH. Os melhores picos de surfe no litoral norte. **RBS TV**, Porto Alegre, 13 fev. 2020. Disponível em: http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/06/ha-65-anos-surfe-ganhava-seus-primeiros-praticantes-no-rs.html Acesso em: 24 fev. 2021

KUNZ, Elenor. **Esporte**: uma abordagem com a fenomenologia. Movimento (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. I-XIII, out. 2000. ISSN 1982-8918. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2503>. Acesso em: 10 jan. 2021.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí, Unijuí. 1994.

LOPES, Eduardo Baptista; RUIZ, Thays Cristina Domareski; ANJOS, Francisco Antonio dos. **A ocupação urbana no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, Brasil, e suas implicações no turismo de segunda residência**. Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana, [S.L.], v. 10, n. 2, p. 426-441, 26 fev. 2018. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/2175-3369.010.002.ao03. Disponível em: https://www.scielo.br/j/urbe/a/3HdPQMKgJfY8h89TNqwMrZn/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 12 maio 2022.

MACHADO, Roseli Belmonte; FONSECA, Denise Grosso da; MEDEIROS, Francine Muniz; FERNANDES, Nícolas. **Educação física escolar em tempos de distanciamento social**: panorama, desafios e enfrentamentos curriculares. Movimento (ESEFID/UFRGS), p. e26081, dez. 2020. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.106233.

MACHADO, Jhonatan Farias de. **O surfe como possibilidade de ensino nas aulas de educação física escolar:** uma proposta de sistematização a partir das dimensões dos conteúdos.. 2019. 22 f. TCC (Doutorado) - Curso de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/199708/Rafaela%20Gluszczuk%20Trabalho%20de%20Conclus%C3%A3o%20de%20Curso%20-%20TCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 10 jul. 2022.

NEIRA, Marcos Garcia. **Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte [online]. 2018, v. 40, n. 3 [Acessado 16 Setembro 2022] , pp. 215-223. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.04.001> . ISSN 2179-3255. https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.04.001

NEPOMUCENO, Léo Barbosa; NOGUEIRA, Júlia Aparecida Devidé; HONORATO, George Washington Noronha; BOSI, Maria Lúcia Magalhães.; SILVA, Fidel Machado de Castro. **A esportivização do surfe**: reflexões a luz de Pierre Bourdieu. Motrivivência, Florianópolis, v. 32, n. 62, p. 01-17, abril/junho 2020. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e63230 Acesso em: 20 fev. 2021

PAIXÃO, Jairo Antônio da. **O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar.** Motrivivência (UFSC), Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 170-182, maio/2017. https://doi.org/10.5007/2175-8042.2017v29n50p170

PEREIRA NETO, Gerson Paulo, ABREU, Ewerton Sousa de, NASCIMENTO, Jessica de Freitas, OLIVEIRA, Bráulio Nogueira de, & MACHADO, André Accioly Nogueira. **Surfe é Estilo de Vida** : Motivação Para a Prática em Mulheres Jovens. *LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer*, *20*(1), 115–139. Mar-2017 https://doi.org/10.35699/1981-3171.2017.1589

PÉREZ-GUTIÉRREZ, Mikel; COBO-CORRALES, Carlos. **Produção científica do surfe indexada na web of science e scopus (1967-2017).** Movimento (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. e26015, mar. 2020. ISSN 1982-8918. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/94062>. Acesso em: 22 fev. 2021. doi:https://doi.org/10.22456/1982-8918.94062.

PORT, Vicente Piacentini; PRAZERES, Rafael Marques; PINTO, Fábio Machado. **Lutas e surfe na educação física escolar.** Cadernos de Formação do RBCE, p. 37-48, mai-2013. Disponível em: http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1977/859

RAMOS, Valmor; BRASIL, Vinicius Zeilmann; DE BARROS, Thais Emanuelli da Silva; GODA, Ciro; GODTSFRIEDT, Jonas. **Trajetória de vida de treinadores de surfe:** análise dos significados de prática pessoal e profissional. Pensar a Prática, v. 17, n. 3, 16 set. 2014. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/30335 Acesso em: 20 fev. 2021

RIBEIRO, Sheylazarth Presciliana; COELHO, Luciano.; MEDINA, Aládia; ISAYAMA, Helder; STOPPA, Edmur; **Lazer de crianças brasileiras**: análise sobre o direito ao lazer. Interfaces Científicas - Humanas e Sociais, *[S. l.]*, v. 9, n. 2, p. 71–86, 2021. DOI: 10.17564/2316-3801.2021v9n2p71-86. Disponível em: https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/9458. Acesso em: 21 jun. 2022.

ROLIM, Tiago Malta Rossi. As perspectivas de ensino do surfe nos cursos de Educação Física. 2012. 50 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/191402. Acesso em: 10 fev. 2022.

SILVA, Mauro. Sérgio.; BRACHT, Valter. **Na pista de práticas e professores inovadores na educação física escolar**. Kinesis, *[S. l.]*, v. 30, n. 1, 2012. DOI: 10.5902/010283085718. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/5718. Acesso em: 14 jul. 2022.

SCHOSSLER, Carolina. **Patrimônio Balneário:** a cultura do veraneio no Rio Grande do Sul e no Uruguai. IPHAN. 2017. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/2026> Acesso em: 28/03/2021.

SOUZA, Tiago. Silva. de; FREITAS, Gabriel. da Silva.; RIGO, Luiz Carlos. **Uma ação docente na educação física infantil:** crianças surfando a vida. Revista Didática Sistêmica, *[S. l.]*, v. 11, p. 58–66, 2011. DOI: 10.14295/rds.v11i0.1736. Disponível em: https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/1736. Acesso em: 29 out. 2022.